

CIRCULAÇÃO DE IMPRESSOS PROTESTANTES NO BRASIL E EM PORTUGAL DURANTE O SÉCULO XIX

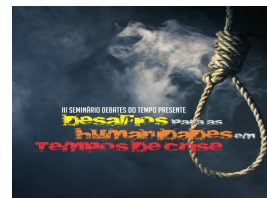
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)
Bolsista de Produtividade em Educação pelo CNPq
Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (Unit)
Coordena o Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/Unit/PPED/CNPq
Esse trabalho tem o apoio financeiro do Edital Universal 01/2016/Faixa B/CNPq
E-mail: esterfraga@gmail.com

Raiane Kelly Farias de Jesus Ribeiro

Aluna do curso de licenciatura em Matemática da Universidade Tiradentes
Bolsista de Iniciação Científica PROBIC/Unit
Membro do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais/Unit/PPED/CNPq
E-mail: raiane.kelly@souunit.com.br
ST 5 - Ensino de História e História da Educação: debates e perspectivas

Esse texto integra o projeto que a Coordenadora desenvolve atualmente, denominado de “Brasil, Portugal e Inglaterra: circulação de impressos protestantes nos Oitocentos”, com bolsistas de iniciação científica (CNPq e UNIT) e outros alunos de Mestrado e de Doutorado. Aqui, analisamos um conjunto de impressos protestantes publicados em Portugal que circularam no Brasil e foram catalogados por Júlio Andrade Ferreira, os quais compunham sua biblioteca particular que, posteriormente, deu origem ao Arquivo Histórico Presbiteriano de São Paulo, instituição organizada e fundada por ele no ano de 1959. Júlio Andrade Ferreira é um referente de um grupo social, no caso, protestante, que colecionou e catalogou durante sua vida livros, livretos, opúsculos, jornais, folhetos, diversos tipos de impressos protestantes, que circulavam no Brasil desde o século XIX. Os 644 títulos registrados por ele, foram publicados no Brasil, Portugal, Estados Unidos, Itália e França. Após fazer outra varredura na catalogação, verificamos que, dentre eles, 40 foram publicados por editoras localizadas em Lisboa e em Porto, no período de 1874 a 1939.



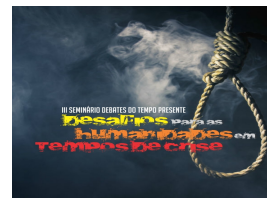
Na perspectiva da História Cultural, esta pesquisa insere-se na História da Educação e na História do Livro, utilizando-se do referencial teórico-metodológico baseado em Max Weber (2002), Carlo Ginzburg (2007) e, Roger Chartier (1990, 1998), os quais oferecem categorias de análise como associações voluntárias, método indiciário, representação e bibliotecas.

Desenvolvimento

O tema das associações voluntárias, denominadas também de sociedades de idéias ou associações livres, ainda é desconhecido por parte da História da Educação brasileira. Talvez, causado pela interpretação marxista que predominou nas pesquisas da área até a década de 80 do século XX. No entanto, o aporte teórico da História Cultural tem possibilitado aos pesquisadores da área ampliarem seus horizontes de investigação, buscando novos objetos, incorporando fontes diversificadas, aproximando-se de outros campos. Tem sido possível intensificar o diálogo com a Sociologia, utilizando um conjunto de ferramentas conceituais próprio deste campo que permite uma maior compreensão do objeto investigado.

Ao nos aprofundarmos na História cultural e na História da Educação brasileira, observamos que as missões protestantes norte-americanas, chegaram ao Brasil em meados do século XIX, com as suas associações voluntárias, uma organização religiosa composta por missionários e missionárias, sendo eles pastores, médicos, engenheiros, enfermeiras e professores.

As sociedades voluntárias, ou sociedade de idéias, – maçônicas, patrióticas, literárias, religiosas etc – foram formas modernas de sociabilidade que ofereceram “novos modelos associativos em meio de uma sociedade globalmente organizada em torno de uma estrutura corporativa hierárquica (ordens) e composta na essência por atores sociais coletivos”. Como contraponto da sociedade tradicional, do Antigo Regime, aquelas organizações foram “portadoras da modernidade, no sentido de que estruturavam novas formas de organização do social, não centradas sobre os antigos grupos, mas no indivíduo como ator político e social”. Eram caracterizadas pelo fato de que “cada um de seus membros terem somente uma relação com as idéias, com os fins”. Aquelas novas associações funcionaram como laboratórios democráticos nos quais seus



membros se educavam pela prática política moderna enquanto indivíduo-cidadão que exercia sua soberania como parte do grupo de eleitores (BASTIAN, 1993, p. 8).

Foi nos Estados Unidos durante o século XIX que elas tomaram outra dimensão. As associações voluntárias, particularmente as religiosas, foram uma das mais importantes e visíveis manifestações públicas norte-americanas. Das congregações religiosas às associações fraternais e benevolentes, dos clubes aos hospitais, aquelas organizações foram poderosas, constituindo mais de 10% da economia norte-americana e oferecendo aproximadamente 15% de todo o emprego privado. Proviam serviços sociais, alfabetização, construção de escolas, sendo a forma mais completa de empreendimentos americanos que mais investiram no serviço público. Para os norte-americanos, a manifestação de sua religião moral era tão importante quanto os lugares de culto, pois era necessário ensinar ao povo, e fazê-lo demonstrar, como ele deveria agir, comportar-se, crer.

Os norte-americanos, sem distinção de idade, sexo, condição social, para dar destaque “a uma verdade ou desenvolver um sentimento com o apoio de um grande exemplo”, se uniram em associações comerciais, industriais, religiosas, morais etc., para, criar escolas, hospitais, prisões, igrejas, “dar festas, fundar seminários, construir albergues, erguer igrejas, difundir livros, enviar missionários aos antípodas” (TOCQUEVILLE, 2000, v. 2, p. 132).

Quase um século depois de Tocqueville, Max Weber foi aos Estados Unidos, convidado por um colega, Hugo Münsterberg, a ler um trabalho perante o Congresso de Artes e Ciências durante a Exposição Universal de 1904, em St. Louis. Talvez os Estados Unidos tenham sido para ele o que a Inglaterra foi para os intelectuais alemães: o modelo de uma nova organização social. A experiência vivida por Weber na América possibilitou-o flagrar o surgimento de um novo tipo de homem, uma nova estrutura de personalidade do homem livre, criada “pelas associações livres, nas quais o indivíduo tinha de provar sua igualdade com outros”, no qual não as ordens da autoridade, mas a decisão autônoma, o bom senso e a atitude responsável constituíam a preparação para a cidadania (WEBER, 2002, p. 13).

Weber verificou que uma das características da democracia norte-americana era que ela se constituía num complexo de associações rigorosamente exclusivas, embora



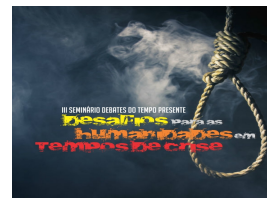
voluntárias, as quais constituíam-se em veículos típicos de ascensão social para o círculo da classe média empresarial. Serviam para difundir e manter o *ethos* econômico burguês e capitalista entre as amplas camadas das classes médias. E, para ser plenamente aceito nessa democracia, era necessário se adequar não somente às convenções dessa sociedade, mas demonstrar que fora capaz de ingressar, por votação, numa das seitas, clubes, ou sociedades, não importa de que tipo, desde que fosse tida como suficientemente legítima. A admissão significava que o candidato havia passado por um exame e uma comprovação de sua conduta ética. A moderna posição dos clubes sociais seculares, com recrutamento por eleição, foi em grande parte, produto de um processo de secularização que ocorrera a partir das seitas protestantes presentes, principalmente, no Norte do país.

Grande parte da literatura protestante que circulou no Brasil a partir do século XIX, foi editada pela gráfica e editora Livraria Evangélica da Rua das Janelas Verdes, em Lisboa, e no Brasil, pela Casa Vanorden, enquanto que as Bíblias vinham da Inglaterra e dos Estados Unidos. A Casa Vanorden foi a primeira tipografia instalada no Brasil para imprimir e editar literatura evangélica, tendo por proprietário, o ministro presbiteriano holandês Emanuel Vanorden.

Precedendo a organização de igrejas e escolas, a circulação da Bíblia e de Novos Testamentos iniciou discretamente em 1814, através da distribuição a bordo de navios portugueses e ingleses pelos capitães do navio, comerciantes e pessoal diplomático e militar. A partir de 1818, sua distribuição na América Latina começou a ser feita através de agentes e colportores da Sociedade Bíblica Britânica (1804) e da Sociedade Bíblica Americana (1816).

As sociedades bíblicas eram organizações administrativas pertencentes a comunidades protestantes com o objetivo de manter a propaganda evangélica em seu país e no estrangeiro que, formadas por voluntários, organizaram um sistema de contribuições financeiras de apoio.

As sociedades bíblicas são associações voluntárias que funcionaram desde o início do século XIX como instrumentos de intervenção internacional na área religiosa. O surgimento delas ocorreu paralelamente ao florescimento de outras sociedades



voluntárias, como as igrejas e as missões, com propósitos tanto religiosos quanto civis, mantendo o vigor das atividades cristãs.

Há alguns anos, pesquisadores brasileiros e portugueses têm estudado os processos concomitantes de construção de um modelo escolar de educação e de afirmação de uma cultura escolar. No entanto, no Brasil, o interesse pela investigação da utilização da estratégia de difusão de impressos protestantes para a implantação de novas práticas religiosas e educacionais é quase inexistente, diferentemente do que ocorre em Portugal. Os estudos sobre as Sociedades Bíblicas, seus agentes e colportores têm sido realizado na perspectiva das Ciências da Religião, não deixando, entretanto, de focalizar a ação civilizatória e, conseqüentemente, educacional e pedagógica de grupos protestantes na sociedade portuguesa, como é o caso de autores como Samuel Escobar, Timóteo A. J. Cavaco, João Paulo Henriques, Rui A. Costa Oliveira e, Vitor Tavares.

Em 1804, foi fundada a Sociedade Bíblica Britânica com o objetivo de colocar o texto da Bíblia ao alcance do maior número de pessoas. No início desse movimento, os voluntários que promoviam a Bíblia em seu país de origem colhiam informações sobre a situação de suas áreas de trabalho, de maneira que Londres era um centro receptor de informações e notícias difundidas em seus boletins e revistas. Posteriormente, surgiram os agentes, pessoas que trabalhavam em tempo integral para a organização, registrando em seus relatórios os locais onde atuavam. Alguns desses documentos transformaram-se em livros de viagens, que descrevia o país, seus costumes, dados econômicos e sociais, além de oferecerem notícias sobre a distribuição das Bíblias. Um exemplo é o livro do agente Charles Barker, *Dos años em las Islas Canarias. Relato de um viaje por las Islas Canarias en coche, a pie y en bestia, con el objetivo de divulgar las Escrituras em lengua espanhola*. Outra figura importante foi James Thompson (1788-1854), um agente da Sociedade Bíblica Britânica e da Sociedade Lancasteriana que percorreu a América Latina entre 1818 e 1844. O conjunto de sua correspondência enviada à primeira organização foi publicado em Londres. Thompson também foi o responsável pela difusão das escolas lancasterianas entre as jovens repúblicas latino-americanas, dentre elas, Uruguai, Argentina, Chile e Peru.

Semelhantemente ao Brasil, os principais grupos protestantes instalaram-se em Portugal no período de 1845 a 1926 e, um dos fatores decisivos para que isso



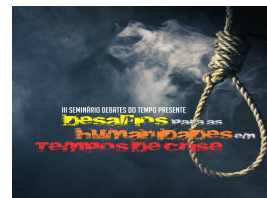
acontecesse foi a presença de associações voluntárias, como é o caso da Sociedade Bíblica Britânica. A organização iniciou oficialmente seu trabalho no Brasil em 1856, com o envio do agente Richard Corfield e a instalação de um depósito permanente de Bíblias, no Rio de Janeiro. Já em Portugal, a comunidade britânica protestante composta principalmente por militares e comerciantes, das cidades de Lisboa e do Porto, interessada em divulgar a Bíblia entre os portugueses, favoreceu a atuação da Sociedade Bíblica Britânica, estabelecendo formalmente uma agência em 1864.

Outro fator importante na implantação do protestantismo nos dois países foi o trabalho dos colportores, oriundos do pequeno número de convertidos portugueses ao Protestantismo. Muitos desses homens e mulheres foram responsáveis pela implantação de várias comunidades e denominações evangélicas, travando embates com lideranças católicas dos dois países.

Durante todo o século XIX, foram enviados ao Brasil impressos protestantes provenientes dos depósitos portugueses. Dos 40 títulos que Júlio Andrade Ferreira catalogou em seu acervo, 27 estão no formato de opúsculo, quatro livretos, quatro folhetos, quatro livros e uma revista (ALMEIDA, 2013).

Dentre os temas, encontram-se títulos que tratam do catolicismo, do espiritismo, da ceia do Senhor, do arrependimento, da cura, da Bíblia numa perspectiva da ciência, da Reforma e histórias de vida de missionários. Mas, o que sobressai são os textos que direcionam os leitores a lerem a Bíblia, como os nove opúsculos intitolados “Antes de tudo lêde a Bíblia Sagrada” (s/d), “Ainda a mesma verdade de há 19 séculos” (s/d), “O testemunho que ella dá.” (1908), “A Palavra de Deus” (1910), “O poder da palavra divina ou o testamento de algibeira” (1924), “O roubo de uma Bíblia e as suas conseqüências” (1927), “A Bíblia sagrada e o povo” (1927), “O livro que salva: a Palavra da vida” (1927), “O livro dos livros” (1928).

Existia uma preocupação em comprovar a fé através da ciência, como demonstram os livretos intitolados “O sapateiro philosopho” (1903) e “O christianismo e as ultimas descobertas da sciencia” (1907), e o opúsculo “O Velho testamento sob o ponto de vista scientifico” (1909). Carlos Leslie e Robert Reid Kalley publicaram cartas, respectivamente em formato de livreto e de opúsculo intitolados “Os deistas e a



verdade das escripturas” (1893) e, “O darbyismo” (1891). Dos autores que escreveram mais de um texto estão G. T. Manley, Carlos Leslie, Eduardo Moreira.

Alguns desses impressos tornaram-se sucessos editoriais. Em 1927, o título “O roubo de uma Bíblia e as suas conseqüências” estava em sua 3ª edição, “A Bíblia Sagrada e o povo”, em sua 12ª edição e, no ano seguinte o opúsculo “O livro no celeiro” chegava à 4ª edição e “Um tesouro que pode ser teu”, à sua 9ª edição.

No Brasil, apesar do Novo Testamento possuir um preço menor, as pessoas compravam mais exemplares da Bíblia, como registrou um negociante britânico no ano de 1826: “tenho visto entre o povo uma grande avidez de possuir a Bíblia, mas acho que na maioria dos casos isso não passe do amor ao seu abençoado conteúdo, senão da curiosidade de conhecer aquilo que por tanto tempo foi escondido dos seus olhos” (REILY, 1984, p. 65).

O Dr. Robert Reid Kalley, médico escocês, é uma figura importante na religião e na educação não somente do Brasil mas, também, em Portugal. Ele foi o responsável pela implantação do Protestantismo, especificamente em Funchal, na Ilha da Madeira, entre 1838 e 1846, e no Rio de Janeiro, entre 1855 1876, estabelecendo a primeira igreja protestante com serviços religiosos em língua portuguesa.

Durante a sua atuação na Ilha da Madeira, inicialmente como médico filantropo e pastor, impressionado com as altas taxas de analfabetismo, realizou uma campanha de alfabetização, organizando escolas domésticas, nas quais era ministrado o ensino elementar, com aulas diurnas para crianças e noturnas, para os adultos. Em pouco tempo, já existiam 17 escolas com mais de 800 alunos. Calcula-se que entre 1839 e 1845 tenham freqüentado mais de 2.500 alunos. Dentro de um programa pedagógico de alfabetização, muitos alunos mantiveram contato com as letras através da leitura da Bíblia. No entanto, no ano seguinte, ele saiu por causa de perseguições religiosas.

Em 1855, ele e sua segunda esposa chegaram ao Rio de Janeiro, organizando a primeira Escola Dominical, comunidade que seria o embrião da futura Igreja Evangélica Fluminense. Kalley foi um grande articulador político com forte ascendência junto ao Imperador, contribuindo para a inserção do protestantismo. Uma de suas estratégias para driblar o Artigo 6º da Constituição do Império, sobre a proibição da celebração de cultos protestantes em outra língua, foi trazer portugueses calvinistas da Ilha da Madeira



que moravam em Illinois, e distribuí-los estrategicamente nas principais cidades brasileiras. Dentre eles estavam Francisco Gama, Francisco de Sousa Jardim, Manuel Fernandes e Pedro Nolasco de Andrade. Este, casado com a alemã Louise Chanrad, foi o primeiro colportor que tem notícia a chegar a Sergipe, em 1858.

Considerações finais

Portanto, esses dados, juntamente com os resultados de pesquisa que vem sendo desenvolvida, vêm corroborar com a tese trabalhada que, a estratégia em distribuir impressos religiosos num país que tinha um alto índice de analfabetismo tenha funcionado como um estímulo para uma massa analfabeta que viu a possibilidade de ter acesso a uma literatura de leitura fácil, além da Bíblia em português, que geralmente era restrita aos clérigos católicos e, publicada em latim.

Esse estudo contribuiu para a análise das relações dos impressos que circularam no Brasil no período Oitocentista, permitindo compreender as origens e as estratégias utilizadas para propagar conhecimentos, por meio desses materiais, que foram distribuídos em diversas regiões do país.

Nos locais em que os colportores distribuíam impressos e as pessoas que recebiam não sabiam ler, as missões enviavam seus missionários-professores para instalarem escolas primárias, oferecendo o ensino primário confessional. Tanto os colportores quanto os agentes e missionários faziam parte de uma rede de agentes alfabetizadores protestantes.

Pesquisadores como Maria Lucia Hilsdorf (2003), Jorge Nascimento (2001), Jorge Araújo (1999), Vilalta (1997), Frieiro (1981) e Machado (2003) destacam uma presença significativa de impressos diversos no Brasil. Embasada nestes Autores e as pesquisas desenvolvidas pela Coordenadora do referido projeto de pesquisa, permitem afirmar que a existência de um espaço para diversos tipos de literatura e as estratégias de publicação, distribuição e utilização de impressos protestantes num país católico facilitaram a instalação de suas igrejas e escolas, corroborando em sua definitiva inserção no país. Estudos em torno deste tema contribuirão com as pesquisas realizadas por historiadores da Educação sobre a leitura, a alfabetização e a escolarização.



Referências

- ALMEIDA, Mirianne Santos de. **Livros e leitores: saberes e práticas educacionais e religiosas na Coleção Folhetos Evangélicos (1860-1938)**. Dissertação de Mestrado em Educação. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2013.
- BASTIAN, Jean-Pierre (Comp.). **Protestantes, liberais y francmasones. Sociedades de ideas y modernidad en América Latina, siglo XIX**. México: Fondo de Cultura Económica/CEHILA, 1993.
- CHARTHIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa oficial do Estado, 1999.
- CHARTHIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CHARTHIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Formação do Estado e civilização**. 2ª ed. V. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- GINZBURG, Carlo. **O fio e o rastro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Brasil, Portugal e Inglaterra: circulação de impressos protestantes no Norte do Brasil. **Anais Eletrônicos do III Congresso Nordestino de Ciências da Religião**. Recife: UNICAP, 2016, p. 1-13.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Associações voluntárias, missões protestantes e a história da Educação. In: **Anais Eletrônicos da 32ª ANPEd "Sociedade, cultura e educação: novas regulações?"** Caxambu: ANPEd, 2009, p. 1-13.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar. Uma ilha de civilização no Brasil tropical**. Maceió: UFAL; Aracaju: Unit, 2007.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas. **Revista Horizontes**. Bragança Paulista: USF, 2001, p. 11-28.
- REILY, Ducan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América. Sentimentos e opiniões**. V. 2. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.